

CULTURA E TÉCNICA

por ÁLVARO SALEMA

I

TORNOU-SE tão dominador e absorvente, tão radicado em disciplinas essenciais da vida, o papel do maquinismo na humanidade moderna, que de algum modo parece absorver na ordem dos seus problemas a ordem longa e dramática dos problemas mais gerais da espécie.

Sempre o homem deixou diluir a sua verdadeira essência, pluriforme e vária, no exagêro de uma tendência que julgou conquistar mas que na realidade o domina. A hipertrofia de um sentido, do espírito ou da matéria, tem dado a definição de civilizações; aí se funda a chamada "contribuição" de uma raça ou de um momento histórico para o destino comum das sociedades humanas, no seu curso muito mais enigmático do que previsível.

Simplemente, uma hipertrofia tem sempre o seu universo num atrofiamento. É como um movimento de vaga, fatal e irresistível.

A exaltação de uma capacidade humana, tem correspondido sempre ao enfraquecimento de muitas outras. É naturalmente um desequilíbrio — e, como desequilíbrio, uma fraqueza.

Até hoje, tôdas as civilizações têm caminhado para uma catástrofe; e como as civilizações nunca se concluem, quere dizer que nunca chegaram a *criar* integralmente.

Como o sentido religioso dominou e esgotou as mais criadoras das civilizações orientais; como a arrancada imperialista arruinou o esforço romano; como a miséria mística amputou fatalmente a grande esperança medieval — assim parece encaminhar-se a civilização moderna para uma asfixia castastrofíca pelo exagêro errado da técnica.

A ameaça está precisamente no êrro do abuso — em sermos dominados por ela e por elas absorvidos, sem a dominarmos por uma transformação radical do seu uso e dos seus métodos. Temos um caminho de civilização que nos oferece a dignidade e a liberdade da pessoa humana, que nos oferece a riqueza sem escravidão e a força sem o tormento dos humilhados e dos ofendidos. Não se pode pensar que a humanidade o recuse — precisamos dessa fé para viver, sem experimentar em todos os instantes um repúdio vital pelos homens que se cruzam conosco em qualquer rua. Mas devemos ceder à constatação do facto, reconhecer a ameaça e afrontá-la antes que nos derrube e nos esmague; e para isso é preciso entendê-la, tomar a perspectiva que não avulte o secundário escurecendo o essencial e que tudo domine duma luz idêntica sem ilusão nem artificio.

Nada melhor que a consideração do problêma da cultura em relação à técnica para destacar uma essencialidade nas antimonias difusas do viver contemporâneo. Tanto o político, como o social, como o económico, como o científico, nas mais vivas e expressivas relações com o problêma da técnica, poderiam dar-nos apenas um *aspecto* e nunca uma significação universal. É preciso ascender a uma super-estrutura que sendo o resultado e a conclusão de tôdas as outras, nos dê a imagem certa de um sentido e de uma ordem — que sem dispersar a pluralidade nos conduza a um conhecimento da essência una do homem na sua mais intensa realidade vital. É o que pode obter-se duma relação adequada em que a Cultura nos surja como resultado necessário e a técnica como agente indeclinável na perspectiva contemporânea da civilização; e assim absorvendo numa marcha única de refle-

xão o que no homem é esforço de elevação interior e de poder prático, no mais nobre sentido, e o que na máquina tem alcance mais radicalmente humano.

//

Desde sempre, o homem *capaz de inteligência* se revela como uma força de combate contra a resistência passiva do material e do inerte. Esse esforço traduz-se em aquisição de cultura — cultura que não é apenas "instrumento", mas antes essência interior de vitalidade perante um mundo que não tolera indiferença e que exige uma exaltação contínua de poder.

Se há condições permanentes que ao mesmo tempo limitam e amparam o homem no seu percurso temporal — a sociedade, o ambiente vital e o momento histórico em que vive — há, ao mesmo tempo, alguma coisa que o transcende e que tem muito mais de expectativa que de certeza. Esse "sentimento trágico da vida", que Tagore definiu sem considerações de tempo ou de espaço, como ânsia de infinito, é o que constitui essa espécie de *destruição pura* de conhecimento que corôa na sua extremidade mais alta uma cultura humana.

Acentue-se, porém, que essa conclusão é um coroa-mento e não uma sublimação despreendida, que se prende à realidade tanto como qualquer outro ponto da escala dos valores e que restringir a ela qualquer norma do pensamento ou da acção é limitar a vida em tudo que ela deve ter de ilimitado. Essa espécie de transcendência mascarada, se pode ser em certos casos individuais um caminho indispensável de libertação, não pode de maneira alguma constituir uma via integral de conhecimento e crítica no homem como um todo — isto é, no homem que se revela ao mesmo tempo como indivíduo e como sociedade.

Tem sido essa a fundamental carencia da cultura que nos precedeu, no que ela pretende propôr como norma de existencia humana.

O tipo de homem culto que até hoje nos foi oferecido como meditação e exemplo, não encontrava em si mesmo, nem na forma social em que vivia, uma possibilidade de realização integral e concreta das virtualidades do espírito, como factor activo na ordenação do mundo.

A sua filosofia da vida, que se apresenta sobretudo como actividade de libertação do espaço e do tempo em que se pensa e actua, é por isso mesmo deliberadamente metafísica e, gnoseologicamente, mais ou menos mística.

A humanidade, quando concebida de maneira inteligível, não aparece como um elemento real em que se coordenam as comuns experiências da espécie, mas como um símbolo quimérico da consciência universal ou, melhor ainda, da consciência sobrehumana a que o génio podia aspirar pela força divinatória da especulação abstracta.

A história da literatura e da filosofia é quasi integralmente dominada por esse sentido do orgulho humano, que Spengler atribuíra com exagerado exclusivismo ao homem fáustico da civilização ocidental. No fundo, esse sentimento de orgulho é apenas uma projecção transcendente de egoísmo; a humanidade é apenas um desvio metafórico da carencia de humanidade.

(Continua na página doze)